

O ENCONTRO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA NA OBRA DE WILLIAM FAULKNER: *ABSALOM,* *ABSALOM! E THE UNVANQUISHED*

Luiz Carlos Moreira da ROCHA¹

- RESUMO: Proveniente de um contexto profundamente marcado pela Guerra Civil – o tradicional Sul dos Estados Unidos – William Faulkner sempre recorreu à história de seu país, quer utilizando-a como pano de fundo, quer como cenário principal de suas obras, mesclando realidade com ficção e, por conseguinte, reescrevendo a história norte-americana de uma perspectiva altamente crítica. Com isso, personagens históricos tornam-se parte integrante de seu universo ficcional, sendo em alguns casos representados de um modo o mais próximo possível da realidade e, em outros, totalmente transfigurados pela ficção. Diante disso, apresentamos uma discussão das diferentes maneiras de abordagem da relação entre literatura e História, bem como um panorama das condições norte-americanas nos períodos do *Antebellum*, da Guerra Civil, e da reconstrução.
- PALAVRAS-CHAVE: *Yoknapatawpha*; Guerra; Virgínia; *Coldfield*; *redneck*; *trash*.

There in Oxford, Faulkner perfored a labor of imagination that has not been equaled in our time, and a double labor; first to invest a mythical kingdom, to make his story of Yoknapatawpha county stand as a parable or legend of all the Deep South. (COWLEY, 1954, p.1-2)

Desde Aristóteles até nossos dias, a relação ficção-história vem perpassando os estudos humanísticos, e falar dessa relação implica, necessariamente, abordar aquilo que estes dois construtos humanos têm em comum: o fato de residirem na linguagem e de se identificarem como narrativas. Mas é importante salientar aquilo que, ao menos em tese, os difere: o fato de um falar de supostas verdades e o outro de inverdades, ou melhor, ficção. Questões como origens, influências, verdades factuais, entre outras, e que há muito se pensava estarem resolvidas e fazendo parte do senso comum, voltam à tona no âmbito das teorias que chamamos hoje de pós-modernas e que embasam, entre outros estudos, o da chamada nova história.

Entre os vários conceitos que aparecem no seio da teoria pós-moderna, destaca-se o que a *scholar* canadense Linda Hutcheon chama de “metaficção historiográfica”, com o qual ela se refere a obras ficcionais que refletem conscientemente sobre sua

¹ Departamento de Letras – UCAM – Universidade Candido Mendes – 22040-001 – Rio de Janeiro – RJ – galobranco@hotmail.com

própria condição. O conceito formulado por Hutcheon abarca, também, a apropriação de personagens e fatos históricos submetendo-os, porém, à distorção, à paródia e à ficcionalização. Esses textos mostram a ficcionalidade da história, como demonstram as suas próprias palavras em *Poética do pós-modernismo*: “refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos” (1991, p. 21). E, mais adiante, ela pondera:

Na maior parte dos trabalhos de crítica sobre o pós-modernismo, é a narrativa – seja na literatura, na história ou na teoria – que tem constituído o principal foco de atenção. A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (**metaficção historiográfica**) passa a ser a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. (1991, p.22; grifos no original)

É interessante notar que algumas premissas teóricas estabelecidas por Hutcheon já se encontravam em obras modernistas como *Absalom, Absalom!* e *The Unvanquished*, de William Faulkner, para citar apenas dois exemplos. Logo, tratar da “metaficção historiográfica” exige um diálogo com as narrativas modernistas e suas interatividades com a história. A ênfase no local e no regional gera uma sintonia entre a ficção faulkneriana e a “metaficção historiográfica”. Entre as obras de Faulkner, *Absalom, Absalom!* é uma das que mais ressalta o ângulo paródico do escritor mississipiano, e na qual o local e o universal, o centro e o periférico, se diluem numa queda fulminante de todas as partes.

Ainda consoante com a visão de Linda Hutcheon, “Todas essas questões – subjetividade, intertextualidade, referência, ideologia – estão por trás das relações problematizadas entre a história e a ficção no pós-modernismo.” (1991, p.160). No entanto tais questões já se encontravam colocadas no seio de muitas obras modernistas. No caso da obra de Faulkner trata-se do relato subjetivo das personagens narradoras que nos trazem um novo recontar da história do Sul americano, e romances como *Absalom, Absalom!* e *The Unvanquished*, entre outros, mantêm uma relação de intertextualidade com a história e com outras obras de ficção.

Mas, antes de penetrar na nova história, é importante fazer uma menção ao fato de que na tradição de língua inglesa, na Renascença, existiu uma corrente teórico-crítica denominada “novo historicismo” e que encontrou na pena de Stephen Greenblatt sua expressão mais significativa. Mais tarde, no século XIX, a relação entre literatura e história tornou-se de tal modo expressiva que permitiu o desenvolvimento de um gênero literário de ampla repercussão, o qual veio a ser conhecido como “romance histórico”. Nesta seara destacou-se na Inglaterra a figura de Walter Scott, que, com sua farta produção romanesca, deu um perfil definitivo ao gênero.

Há que se ressaltar, contudo, que a obsessão realista para a constituição da verdade e do desejo de fazer da ficção um espelho da realidade – elemento fundamental na obra de Scott – acabou por levar a obra literária à condição documental ou de fonte, condição esta que não mais se sustenta. É bom lembrar, ainda, que naquela época os estudos literários eram levados a cabo a partir de uma ótica historicista e se abrigavam, academicamente, no seio da velha Filologia. Mas as mudanças de enfoques dadas aos estudos humanísticos de nosso tempo não se abstêm de olhar para a ficção e para a história e problematizar a relação entre estes dois construtos lingüísticos e narrativos. Na verdade, é importante frisar que as artes modernista e pós-modernista utilizam certos aspectos da história pertinentes ao período realista. A obra de Faulkner, de certa forma, apresenta algumas características do romance histórico à maneira de Walter Scott e de conceitos que mais tarde seriam trabalhados por Linda Hutcheon em termos metaficcionalis.

A narrativa faulkneriana apropria-se de personagens e eventos históricos, como o Presidente Lincoln e os Generais que tomaram parte na Guerra Civil Americana, entre os quais estão o sulista Robert E. Lee e o *yankee* William Sherman. A teia ficcional faulkneriana reelabora essas personagens e eventos históricos e os translada para o âmbito da periferia de obras como *Absalom, Absalom!*, tornando-os manifestos através da narrativa oral das personagens-narradoras das obras ambientadas em Yoknapatawpha.

Tais constatações não visam, de forma alguma, a classificar a obra de Faulkner como pós-moderna nem como metaficção historiográfica, mas ressaltar as inúmeras vozes que emergem dos textos faulknerianos e que permitem o estabelecimento de canais de comunicação e diálogo com outros escritos ficcionais, históricos, teóricos e também de outros matizes. Ao retratar a cultura do Sul dos Estados Unidos do século XIX, a obra de Faulkner mostra que, naquela região, a classe dominante não goza do mesmo *status* em nível nacional e sua estrutura social não poupa de hierarquizar nem mesmo os brancos que, se porventura forem pobres e não possuírem escravos, não passam de *white trash*.

E é a partir da descoberta dessa categoria em sua própria origem que Thomas Sutpen, o herói anti-herói de *Absalom, Absalom!*, paródia do bíblico Rei David, vai construir sua trajetória e se constituir num dos símbolos das famílias enriquecidas às custas da exploração e da opressão do Outro e da posterior decadência do Sul do período *Antebellum*. Os narradores de *Absalom, Absalom!* – Rosa Coldfield, o Sr. Quentin Compson e seu filho Quentin – são típicos representantes da classe média sulista, branca, presbiteriana, e regidos por uma moral puritana que seria destruída pela Guerra Civil e pelas agruras do período da *Reconstruction*.

As histórias por eles narradas nos mostram a transformação da condição de muitas famílias de brancos médios sulistas para *white trash*, o que faz com que os

relatos dessas personagens ganhem ares metaficcionais ao descentralizarem o foco narrativo. Rosa Coldfield é uma típica representante da classe média, branca e tradicional de Jefferson – Yoknapatawpha, e que teve bloqueada, desde tenra idade, toda e qualquer forma de ascensão social. Sua experiência mostra a condição da mulher naquela sociedade e naqueles momentos históricos, condição esta que era de total subserviência e de ausência nas relações de poder.

Logo, a estrutura social do condado de Yoknapatawpha estabelece um sistema hierárquico, uma forma camuflada de casta calcada numa série de dicotomias excludentes, do tipo: branco-rico/*white trash*, branco-rico/afro-americano, branco-rico/mulher, branco rico/índio, e outras, tais como *white trash*/afro-americano, *white trash*/mulher, afro-americano/mulher branca, homem/mulher afro-americanos, etc. Tais dicotomias assinalam a hierarquização do preconceito étnico, sócio-econômico e cultural, da discriminação e do ódio. Por outro lado, os intertextos de *Absalom, Absalom!*, e *The Unvanquished* estabelecem, hermeneuticamente, o elo com a história dos Estados Unidos, particularmente a do Sul e com a *Bíblia*, embora as recontem a partir de diferentes vozes com variados pontos de vista, que ecoam em diferentes níveis da realidade e através de um caos cronológico que impede a narrativa de seguir em linha reta, rompendo, esteticamente, a linearidade no romance.

Embora não seja popular, a ficção faulkneriana é auto-reflexiva e, eu diria, para-reflexiva, na medida em que vai além da auto-reflexão sobre a sua condição romanesca e sobre o passado sulista metaforizado na história de Yoknapatawpha e nos permite refletir sobre o passado do Outro e suas possíveis implicações na trama histórica posterior e seu despertar a partir de textos ficcionais.

É importante salientar que a ficção de Faulkner aborda a história social do Sul, e nos permite uma leitura pela ótica do vencido, daquele que teve a voz negada pela historiografia oficial – devendo-se sempre ter o cuidado de não confundir os pontos de vista das personagens que nos relatam o passado sulista com os do próprio autor. Esta ressalva foi feita pelo próprio William Faulkner em um de seus discursos na Universidade da Virginia. No entanto, quase todas as reflexões sobre o passado sulista, vistas a partir da ficção de Faulkner, apontam para a constatação de que o Sul se apresentou despreparado para o confronto com o seu Outro imediato, o Norte abolicionista, industrializado e democrático. A degeneração das famílias do Sul – com suas lutas desenfreadas pela posse e conservação da terra, com sua política escravagista e sua sede de poder – é outro aspecto apontado como relevante pela fortuna crítica de Faulkner.

Pensar a obra faulkneriana em termos pós-modernos ou metaficcionais implica uma busca intertextual que evoca a presença de várias manifestações culturais que vão desde a referência a aspectos peculiares à cultura do Sul dos Estados Unidos, como o “verão indiano”, até citações de cunho paródico que entrelaçam as obras de Faulkner umas com as outras e também com as da tradição ocidental, como a *Bíblia*,

a historiografia americana, entre outras. A paródia é um tropo antigo, mas que vem sendo largamente utilizado por escritores pós-modernos que a remodelam com a marca da incorporação e do desafio àquilo que está sendo parodiado.

Remetendo tal axioma para um debate com a obra de Faulkner, observa-se que a história social e política do Velho Sul retratada em *Absalom, Absalom!* e *The Unvanquished* nos lança o desafio de olhar para a história sulista, em particular, e americana, em geral, com a pós-moderna indagação acerca da validade ou da veracidade dos construtos historiográficos que nos foram legados. Ao mesmo tempo, a subversão paródica apresentada pela ficção faulkneriana insere-se no contexto da literatura modernista como um outro possível construto de verdade histórica, outra referência ao passado “real” dos Estados Unidos e que se apresenta também como outro construto discursivo.

Explica-se a presença de tais artifícios metaficcionais e pós-modernos nas obras de Faulkner através da relação conflituosa entre o modernismo e o pós-modernismo, uma vez que este último se constitui a partir daqueles ingredientes modernistas que são apropriados e parodiados, mas, conforme sentenciado por Linda Hutcheon, “nunca destruídos” (1991, p. 65). Todavia, o pós-modernismo não é a única corrente teórica a problematizar questões como a relação história-ficção e suas várias consonâncias e dissonâncias. Duas outras correntes, a nova história e o pós-colonialismo, têm direcionado seus olhares para os cânones historiográficos e literários com o fito de rediscuti-los, bem como suas premissas e formas de constituição. Os propósitos de tais articulações e práticas teóricas são: a flexibilização desses cânones, a descentralização dos contextos, dos fatos e das personagens predominantes e a conseqüente emergência dos discursos do local, da periferia e dos excluídos.

Historiadores da cultura como Steven Connor e Hayden White vêm trabalhando a questão da constituição do cânone historiográfico e seu encontro com a ficção, intermediado pela narrativa. Segundo Connor, “no historical account of the novel in history can afford to shelve for long the complex question of the relations between novels and history” (1996, p. 128).

A nova história vem abalando os alicerces da história tradicional, também chamada de “paradigma tradicional” por muitos teóricos, como Peter Burke, por exemplo. No centro desses abalos, encontra-se a contestação da assertiva tradicional de que a história é primordialmente política e centrada no Estado e no feito dos grandes homens, ou seja, presidentes, reis, generais, papas e estadistas de toda sorte. Ao levantarem essa questão, os novos historiadores passam a focar a história a partir de fontes e relatos de outras esferas. Daí, o relato das testemunhas, a visão de mundo da comunidade e a versão do *man in the street* encontrarem abrigo nos novos enfoques, estendendo-se ainda para além dos feitos das figuras outrora centrais na história.

Com isto, somos obrigados a colocar novamente a obra do escritor mississipiano William Faulkner em condição de diálogo com os novos segmentos teóricos, uma vez que a história social do Sul vista de Yoknapatawpha já apresentava, bem antes dos construtos teóricos mais recentes, a descentralização das personagens e contextos da Guerra Civil. Ao se comparar os relatos tradicionais da Guerra Civil Americana com os relatos dos novos historiadores sobre o assunto, nota-se claramente uma mudança no eixo das personagens.

Os relatos que antes se centravam na figura do Presidente Abraham Lincoln e nos Generais William Sherman, Ulysses Grant e Robert E. Lee, passam a levar em conta a posição de outros políticos e militares, como os Senadores Charles Sumner de Massachussets e Andrew Butler de South Carolina, o General Ambrose P. Hill da Virginia, o Capitão Raphael Semmes do Alabama, a líder afro-americana e feminista Sojourner Truth, entre outros. Tais personagens aparecem nas novas narrativas sobre a Guerra Civil, como *Images of The Civil War*, de James McPherson e Mort Kunstler, e no *The New History Of The Civil War*, de James McPherson e Bruce Catton, que não hesitam também em lançar mão do relato do poeta Walt Whitman, que trabalhou pela causa abolicionista tanto em sua obra poética, quanto nos campos de batalha da Virginia, para onde fora enviado como enfermeiro.

A mudança de enfoque representa um avanço indiscutível nas abordagens historiográfica e literária. A história social do conflito da Secessão aparece na ficção faulkneriana como uma outra reflexão, cujas fontes são os relatos das personagens que, metaficcionalmente, penetram no espaço historiográfico e nos dão um panorama do referido evento da história americana. Em *The Unvanquished*, o jovem Bayard Sartoris nos mostra como as famílias sulistas se articularam para enfrentar o período da Secessão. Seu relato instala-se, temporalmente, na época da *Reconstruction*, quando os primeiros olhares críticos em relação ao conflito foram levados a cabo. A ficção de Faulkner subverte a premissa tradicional da história vista por cima e se antecipa aos estudos pós-modernos da nova história ao expressá-la a partir de baixo, de personagens vindas das mais variadas castas do Sul dos Estados Unidos, como a versão de Rosa Coldfield, a mulher castrada pela estrutura patriarcal sulista e transformada socialmente em *white trash* em *Absalom, Absalom!*.

The Unvanquished, antecipando-se ao conceito de metaficção historiográfica, aponta para a história social de Yoknapatawpha através da saga de gente como Bayard Sartoris, Ringo, Drusilla e Granny. Além disso, registra a luta interna dos confederados do Sul para se organizarem política-econômica-social e, em especial, militarmente, de forma a enfrentar a luta pela Secessão.

Outra questão que tem causado choque entre os novos historiadores e o paradigma tradicional é a questão das fontes. A história oficial primou sempre por uma escritura baseada na crítica hermenêutica de textos do tipo crônicas e anais, ou

seja, de documentos oficiais produzidos pelo poder oficial. Com isto, todas as versões dos eventos históricos que não passassem pelo método oficial eram deixadas de lado. Hoje, com o advento da nova história e com o enorme avanço tecnológico é inconcebível que a narrativa historiográfica fique reduzida às fontes primárias – embora seja de bom tom salientar que não se trata de rejeitar os anais e as crônicas, mas sim de pleitear o alargamento das fontes com o intuito de se voltar para estas com o olhar crítico mais atual.

Desta forma, a narrativa literária ganha credibilidade na condição de um outro possível construto de verdade. E nesse aspecto, faz-se mister ponderar que, uma vez mais, a ficção faulkneriana se inscreve em um diálogo com a nova história e se apresenta como uma instituição artística, histórica e social portadora de uma visão de dentro da história do Velho Sul. É importante ressaltar que o ensaio aqui em curso não se prende, nem advoga o uso de obras literárias como fonte documental para a narrativa historiográfica. Mas há que se ponderar que a literatura, além de arte, é também uma instituição social, como atestado pelo estudo de Assis Brasil intitulado *Joyce e Faulkner: O romance da vanguarda*, no qual a obra de Faulkner é vista, entre outras coisas, como documento histórico:

A decadência da aristocracia sulista e a invasão do Sul pela civilização moderna – eis o tema fundamental da obra de Faulkner. O escritor, filho daquele meio e fruto daquela sociedade, descendente de militares (perdedores da guerra civil), senadores e governadores, ao transpor para a ficção a sua visão daquele mundo estiolado e em mutação, contribuiu não só para a renovação literária do país, bem como para a documentação de uma das fases históricas mais incisivas da nação americana. (1992, p. 18)

A teoria pós-colonial é outra corrente surgida nos últimos anos nos Departamentos de Inglês das principais universidades anglo-americanas e que faz coro aos outros segmentos, anteriormente enfocados, no que tange ao questionamento dos cânones historiográficos, literários e culturais, de um modo geral. A publicação em 1978 de *Orientalism*, de Edward Said, marca o início dos estudos pós-coloniais e nos remete a uma série de questões de mais alta importância para o mundo da cultura. *Orientalism* questiona a visão eurocêntrica a respeito do Oriente e de sua cultura, visto que esta foi calcada numa visão estereotipada, que tinha a cultura européia como modelo de civilização organizada e desenvolvida. Portanto, naquela visão, os não-europeus seriam bárbaros. Said nos mostra como a visão eurocêntrica sobre o Oriente é uma visão construída, uma prática discursiva calcada em dicotomias excludentes e que se apoiava na dominação européia sobre o Oriente e o resto do mundo.

A descentralização histórica, a emergência de vozes antes silenciadas e a marcação de posição por parte da cultura local são algumas das preocupações pós-coloniais que colocam este segmento teórico em sintonia com a nova história, com o pós-modernismo

e com o feminismo na busca de uma nova ordem cultural, onde a presença daquele(a) que traz a marca de “o outro” seja uma constante nas práticas e trocas culturais. Hoje em dia o termo “pós-colonial” estendeu de tal modo sua área semântica que tem sido freqüentemente usado para referir-se a todo contexto onde se verifica a relação entre dominador e dominado. Neste sentido, ele tem sido conscientemente empregado com referência a regiões diversas de uma mesma nação, onde há a subordinação de uma a outra. É o caso, nos estudos sobre a obra faulkneriana, das relações entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos.

Como se sabe, a obra faulkneriana também está eivada de questões pertinentes à raça, gênero e classe. Estes filamentos temáticos se fazem presentes também em *Absalom, Absalom!* e *The Unvanquished*. Porém, os conflitos internos de classe são nestas obras, na visão de Myra Jehlen, o problema principal. Em suas palavras,

the reigning problematic in Faulkner's account of Southern Antebellum history is the internal class conflict between two sectors of white agrarian society - the lordly, cavalier plantation versus the Jeffersonian, homesteading, working-class peasantry. (1994, p. 96)

Em *Absalom, Absalom!* estas questões são preponderantes, embora procurem se camuflar nas técnicas narrativas empregadas pelo escritor. Há que se levar em conta, também, a presença de outras vozes que enfatizam as pressões de raça e gênero no referido romance. No entanto, em que medida uma teoria pós-colonial poderia ajudar na compreensão de uma questão cultural interna de um país (aqui, os Estados Unidos do século XIX)? E que questão seria essa, senão a dominação interna dos *yankees* sobre o Velho Sul. Aqui, somos obrigados a convidar Anne McClintock a nos expor um conceito acerca da dominação interna. Em seu ensaio “*The Angels of Progress: Pitfalls of The Term Post-Colonialism*”, ela pondera: “*Internal colonization occurs where the dominant part of a country treats a group or a region as it might be a foreign colony*” (1994, p. 295).

Essa dominação se implanta a partir da vitória dos *yankees* do Norte contra os confederados do Sul na Guerra Civil de 1861 a 1865. Com o fim da guerra e o início do período da *Reconstruction*, o Sul passa a ser povoado também por oportunistas do Norte que tiravam proveito do caos reinante na região; eles eram os *carpet-baggers*. Mas uma das maiores conseqüências da Guerra Civil foi a desestruturação da velha ordem estabelecida no Sul e a necessidade de se começar tudo de novo a partir das cinzas e dos escombros em que se transformaram cidades e campos sulistas. Esta (des)ordem foi encontrada pelos coronéis Sutpen de *Absalom, Absalom!* e Sartoris de *The Unvanquished*, que, ao chegarem derrotados do conflito secessionista, depararam-se com a ausência dos escravos, que aproveitaram o conflito para iniciar um enorme êxodo rumo às cidades do Norte e que teria um grande impulso nas duas primeiras décadas do século XX.

Em seu estudo sobre o moderno romance americano, Malcolm Bradbury também ressalta a condição do Sul como um paraíso caído e a dominação *yankee* como fatores geradores do conseqüente corte na cultura sulista que penetra o período da *Reconstruction*, agora desprovida de seu aristocrático estilo de vida *cavalier* e provida do “espírito” nortista de urbanização e industrialização, como salientado por Bradbury (1992, p. 115): “*Hence Faulkner's history is apocalyptic: it exists in the context of a Fallen Eden, though its degenerating-sequence – as land as spirit yields to land as property, woods to axes, gardens to machines, South to North [...].*”

Mas a dominação interna não se restringe à ocupação militar, política, econômica e cultural de uma região por outra; ela se dá também através de uma estrutura social no seio de uma única sociedade e que se calca em hierarquias que excluem todos aqueles que não preenchem os requisitos de ordem étnica e econômica da classe dominante local. Este é exatamente o perfil do Sul do período *Antebellum* e que se arrastou até a derrocada final em Appomatox no ano de 1865, quando esta estrutura social foi abalada pela Guerra Civil e pela chegada dos *yankees*.

Absalom, Absalom! é um texto que desperta o interesse pós-colonial a partir da questão da formação da subjetividade no contexto histórico e psicologicamente caótico de Yoknapatawpha. Os vários narradores de *Absalom, Absalom!* nos mostram como o jovem Thomas Sutpen, um *redneck* das montanhas *Appalaches* de West Virginia, descobre sua identidade de *white trash* no momento em que se vê escorraçado por um escravo na porta de uma grande *plantation farm* da Virginia, para onde fora enviado por seu pai levando uma mensagem ao fazendeiro de nome Pettibone.

Ao sentir-se, pela primeira vez, bloqueado pela estrutura sócio-cultural de sua própria terra, Sutpen traça seu *design* com o qual sonha passar da condição de *white trash* para a de fazendeiro influente. Sutpen descobre que o sistema social do Sul não se baseia apenas na diferença entre brancos e afro-americanos, mas também entre brancos e brancos, cuja medida era a posse da terra, de escravos, de uma estrutura familiar, de reputação e poder na esfera local. Sutpen recordava constantemente o episódio na porta da *plantation farm* como o único momento lembrado da sua identidade, embora este seja também fator de desencadeamento de vários momentos de sua vida e da vida social de Yoknapatawpha.

A condição proletária de Sutpen desmente o mito *cavalier* do Velho Sul como uma sociedade harmônica e organicamente dirigida por uma elite branca, proprietária de terras e ideologicamente embebida da *self-reliance* de Thomas Jefferson. A história social do Sul a partir de Yoknapatawpha aponta para uma luta de classes e para a disputa entre pequenos fazendeiros brancos, os *yeomen*, e os proprietários das grandes *plantations*, o que sugere que o conflito no seio da sociedade branca e agrária teria sido mais decisivo para a queda do Sul do que o advento da escravatura e da Guerra Civil.

Todas essas considerações trazem à tona a questão da dominação interna, que, no caso dos Estados Unidos, passou por várias fases até chegar à dominação *yankee* sobre o Sul por ocasião do fim da Guerra de Secessão. A dominação interna em Yoknapatawpha, vista em *Absalom, Absalom!*, começa com a apropriação das terras indígenas por parte dos colonizadores brancos. Os próprios Coronéis Sutpen e Sartoris adquiriram as terras de suas *plantations* de forma ilícita junto a Ikemotube, chefe indígena da tribo *Chickasaw* (FAULKNER, 1986, p. 15). Este mesmo tipo de coerção foi estendido aos afro-americanos, às mulheres, aos imigrantes das mais variadas etnias e procedências e até mesmo ao branco pobre do Sul, representados por Thomas Sutpen como *white trash*.

Ao olharmos a saga de Sutpen em sua passagem pelo Haiti, vemos um exemplo típico do processo de colonização. Sutpen é um daqueles homens marginalizados da metrópole devido a sua origem social baixa. Ele se desloca para um país dominado e prestes a ser colonizado pela potência vizinha e, com isto, faz investidas oportunistas no Haiti para onde fora fazer riqueza. É evidente que essa riqueza se apoiava na apropriação de terras, aquisição de escravos, mulher(es), etc. Sutpen explora o solo, as riquezas naturais e os seres humanos e os domina com o intuito de sugar-lhes, ao máximo, as forças de trabalho e os recursos de forma a dar suporte ao seu *design*, e depois os abandona como se fossem objetos descartáveis, como fez com sua esposa haitiana e seu filho Charles Bon.

É importante observar a diferença cultural no que diz respeito às hierarquias sociais no Haiti e nos Estados Unidos. No país latino de maioria afro-caribenha, a distinção se baseia somente na hierarquia entre brancos e afro-caribenhos, razão pela qual Sutpen conseguiu investir e extrair lucros da estrutura social local. No caso americano, a sociedade, especialmente a sulista, se apresentava estratificada em várias camadas como salientado anteriormente.

Tendo encontrado terreno para suas ações, Sutpen descarta a esposa haitiana e seu filho Charles Bon com base no fato de que a mulher era uma *octorron*, ou seja, portadora de 1/8 de sangue afro. Sua condição era de mulata, ou mesmo negra, o que na concepção de Sutpen, inviabilizaria o seu *design* de se tornar um homem rico e poderoso em Yoknapatawpha. A experiência de ter sido segregado na *plantation farm* fez com que Sutpen optasse por este mesmo caminho, ou seja, o da segregação racial construída como identidade e como meio para atingir o poder no seio da sociedade do *Deep South*.

Uma vez convencido da importância da segregação racial naquele ambiente, Sutpen pratica a exclusão também das pessoas com base na categoria da classe, cujas diferenças ele tomou como motivação para o seu *design*. Assim, o enfoque pós-colonial nos auxilia na compreensão das mudanças histórico-culturais de territórios marcados a fogo, como o Sul dos Estados Unidos, que a ficção de William Faulkner

nos mostra criticamente. A história social que transparece na obra faulkneriana registra o fim da era pré-capitalista, romântica e tradicional do Velho Sul, e assinala a passagem do período *Antebellum* para a *Reconstruction*, mediada pela Guerra Civil, em outras palavras, do pré-capitalismo para o capitalismo pleno, apoiado na industrialização e edificação de um outro construto social.

No seio do pós-colonialismo, a questão da mulher é outra problemática posta à vista e que nos incita à reflexão. Desde os anos 60, com o recrudescimento dos movimentos contestadores nas principais nações ocidentais, os estudos da mulher têm emergido como uma área de ponta nos departamentos de ciências humanas das principais universidades ocidentais. Desta forma, os estudos da mulher têm contribuído para o alargamento do cânone literário que, no caso norte-americano, trouxe o reconhecimento da obra *Uncle Tom's Cabin*, da escritora e jornalista Harriet Beecher Stowe, e a redescoberta e valorização das obras de Anne Bradstreet, Emily Dickinson, Gertrude Stein e Mary McCarty, para citar apenas algumas poetisas e escritoras de alto nível.

Outro ponto tocado pelas(os) feministas é o da releitura de obras de autoria masculina que, de alguma forma, traçam ou exibem perfis de mulheres e suas condições tanto de modo geral, como em determinados contextos. Este é, precisamente, o ponto que instala o diálogo entre o feminismo e a obra do escritor mississipiano.

De início, observa-se que a crítica literária feminista dividiu-se em dois segmentos no que tange à obra de Faulkner. O primeiro compõe-se dos que depreciam a forma de tratamento dado à mulher. Teóricos pós-modernos como Maxwell Geismar, Irving Howe e Leslie Fiedler que chegam a falar da presença de uma espécie de misoginia em sua obra. Fiedler, citado por Judith Bryant Wittenberg no ensaio “*A Feminist Consideration*” chega ao ponto de acusar Faulkner de “*serious calumniator of the female*” (FIEDLER apud WITTENBERG, 1982, p. 333). O segundo segmento postula, com base no enfoque psicológico, que as “mulheres de Faulkner” foram criadas à luz de arquétipos e estereótipos que as rotulam como encarnação de grandes deusas ou como uma mãe-terra provedora de vida. Essas considerações apontam para uma classificação do autor como um ginólatra e não um misógino.

Todavia, o autor do presente ensaio pondera, em primeiro lugar, que as “mulheres de Faulkner” podem ser vistas de forma mais digna do que as anteriormente citadas. E em segundo lugar, leva em conta as sábias palavras de William Faulkner em um de seus discursos na Universidade da Virgínia que afirma que não se deve atribuir a ele as palavras e atitudes de suas personagens. Outra consideração importante acerca das posições anti-Faulkner dos citados teóricos feministas é a de que a esmagadora maioria deles é composta de homens, o que dá uma coloração um tanto falocêntrica e patriarcal às suas respectivas colocações. No entanto, a defesa da obra faulkneriana e a conseqüente rejeição das críticas misoginistas e ginólatras não implica a recusa de um

diálogo com as teorias feministas. Ao contrário, este estudo faz coro com certas releituras feministas dos anos 90, como, por exemplo, as de Judith Bryant Wittenberg e de Carolyn Porter, para citar dois ilustres nomes que ponderam, respectivamente que:

One can nevertheless discern some general tendencies in Faulkner's portrayal of women and women-related issues that show him, on the whole, to be neither, pro or anti-female, but rather an absorbed student of the endlessly variegated human scene. (WITTENBERG, 1982, p. 335)

Yet it has more recently become clear that a feminist criticism limited to rescuing important female writers and demystifying important male ones what Elaine Showalter long ago called gynocriticism and feminist critique, respectively – cannot adequately address the questions raised by the work of certain already canonical American writers such as Hawthorne, Melville, and Faulkner. Their work presents an engagement with gender that is far too complex to be treated as merely symptomatic of the American canon's masculinist bias. (PORTER, 1995, p. 168)

Levando-se em conta, uma vez mais, a possibilidade de outras leituras das “mulheres de Faulkner”, este ensaio ressalta a poesia de Rosa Coldfield, a bravura de Drussila e a determinação de Granny que, ao contrário da depreciação do feminino advogada por teóricos já citados anteriormente, atestam que a expressão da sensibilidade e da grandeza da mulher sulista se faz presente na obra de Faulkner de maneira insofismável. Assim, Rosa é a poetisa e narradora que, como tantas outras do Velho Sul de sua época, teve as expressões da alma reprimidas, mas posteriormente resgatadas a partir do texto de *Absalom, Absalom!*.

Granny e Drussila são personagens de *The Unvanquished* com perfis distintos. Se por um lado, Granny é uma das matriarcas que introjetou a ideologia falocêntrica e assumiu posturas pertinentes aos homens; por outro, sua condição de líder em Yoknapatawpha exprime a capacidade feminina de exercer comandos e outras atividades até então exclusivamente masculinas. Já Drussila é a guerreira que brada pela libertação da mulher sulista e que, embora pague o preço de acabar reprimida pelas matriarcas (as guardiãs do patriarcado sulista) e de voltar sua luta emancipatória para dentro de si mesma e cavar suas trincheiras na alma, ela representa o heroísmo das primeiras mulheres que levantam suas vozes contra a opressão.

Como a mulher sulista do século XIX ficou excluída do processo de cidadania plena por parte do sistema patriarcal da nação confederada que não lhe permitia acesso à educação superior, nem ao mercado de trabalho da região, sua ação ficou limitada à esfera doméstica. Portanto, a única forma de ascensão social era através do casamento com um homem que não pertencesse ao círculo dos excluídos, em outras palavras, um branco, mas não um *white trash*.

A mulher de Yoknapatawpha é retratada da mesma forma que a mulher de todo o Sul norte-americano do século XIX, e tal constatação permite que se pense, teoricamente, na possibilidade da obra faulkneriana ser vista, também, como uma denúncia deste sistema. Da mesma forma, a mulher afro-americana de Yoknapatawpha tem o seu perfil traçado com base na posição que esta mulher tinha naquela sociedade e naquele tempo. Mas, a ficção faulkneriana ultrapassa o mero realismo ao retratar a beleza interior de mulheres afro-americanas que souberam buscar forças espirituais para com elas encontrarem afeto, solidariedade e preocupação com o próximo.

É importante enfatizar também que o sistema patriarcal sulista sofreu um duro golpe com a derrota confederada na Guerra de Secessão, e que as mudanças sociais ocasionadas pela eclosão do conflito forçaram as mulheres a saírem das lides domésticas e assumirem posições sociais diversas das tradicionais. A mulher sulista inicia sua luta pela emancipação através de batalhas isoladas, como a empreendida pela guerreira Drussila Hawk em *The Unvanquished*, que encontra paralelo na luta de mulheres abnegadas como Sojourner Truth, na esfera da história.

Voltando às considerações de críticos como Leslie Fiedler, nota-se que eles se esqueceram de frisar que as mulheres de Yoknapatawpha são apresentadas por uma ótica masculina, e que Faulkner, que era dotado de uma grande sensibilidade, expõe a condição de todo ser humano naquele meio e não apenas a da mulher isoladamente. Tais críticas incorrem no equívoco, já assinalado, de considerar as personagens como porta-vozes de seu criador. Na verdade, percebe-se que Faulkner foi um homem profundamente conhecedor da psique humana. A psicologia das personagens faulknerianas mostra claramente que as mulheres, ou as minorias em geral, são vítimas de um sistema cunhado a ferro e fogo que, este sim, deveria merecer considerações negativas por parte de críticos como Fiedler.

Num enfoque feminista da obra de Faulkner, a questão da formação da subjetividade também é uma tônica. Há que se considerar o momento no qual as personagens Drussila, Granny e Dilsey descobrem a força interior que as moveram em suas ações.

Drussila descobre a sua própria capacidade de guerreira e se lança em um empreendimento ousado para a época: a participação feminina nos *fronts* da Guerra Civil. Com isto, ela constrói a sua identidade de forma totalmente diferente daquelas mulheres de seu meio. Granny, ao contrário de Drussila, assume a liderança local, passando a controlar as plantações e ainda encontrando forças para participar diretamente do conflito secessionista. Ela torna-se perita em roubar cavalos dos *yankees*, vendendo-os, em seguida, aos próprios donos. A possibilidade que aqui se levanta é a de que Granny conciliara sua coragem e espírito de liderança com as eventuais fraquezas masculinas ao seu redor. Essa é a razão de ela ter-se tornado a poderosa matriarca de Yoknapatawpha.

Rosa Coldfield, por sua vez, formará a sua subjetividade a partir de fenômenos psíquicos que se manifestaram desde sua tenra infância, tais como a projeção, o recalque e a absorção da lei do pai, o que lhe permitiu construir uma personalidade romântica que a impede de aceitar a proposta de Sutpen de primeiro procriarem, e, se a criança fosse do sexo masculino, então se casarem. Diante de tal acinte, Rosa prefere refugiar-se dignamente em um processo de sublimação, uma vez que Sutpen era o objeto de seus desejos, mas que se tornou inviável devido a esta postura de vê-la, apenas, como uma possível nova tentativa de reerguer o seu já fracassado *design*.

Logo, pode-se concluir que o encontro com o Outro em Yoknapatawpha é sempre mediado por tensões e conflitos que vão desde a esfera psíquica individual até às mais intrincadas teias coletivas. E é importante salientar que o preconceito, o racismo, o estereótipo e a luta fratricida pelo poder, pela terra e pela honra são alguns dos entraves para que se alcance um padrão razoável de convivência entre as pessoas, postergado em Yoknapatawpha até o advento da Guerra Civil, a qual pode ser interpretada como um grande expurgo, necessário para que a civilização abaixo de Mason & Dixon encontrasse novo rumo de crescimento a partir do período da *Reconstruction*.

Com todas estas ponderações, este ensaio não poderia encontrar um fecho mais apropriado do que as palavras do próprio William Faulkner por ocasião de seu discurso de aceitação do prêmio *Nobel* de Literatura, conferido pela Academia Sueca no ano de 1950, e transcrito após as páginas finais do romance *Soldier's Pay* na edição de 1961. Para ele, o mérito de tal prêmio não se encontra no homem Faulkner, e, sim, em uma vida de trabalho “*in the agony and sweat of the human spirit [...]*” (FAULKNER, 1961, p. 229). Desta forma, ele não hesita em dividir os louros desta glória com o espírito de homens e mulheres jovens que também são acometidos pelas mesmas angústias.

Assim, a ficção faulkneriana se apresenta como um construto legítimo de crítica ao homem e dá origem a reflexões que clamam pelo encontro do homem consigo mesmo e com seu passado, levando-nos a um engajamento na luta pela evolução do espírito humano, pela busca da expressão e manifestação da alteridade e pela construção de um mundo melhor e desprovido de demarcações de fronteiras, de pátrias, de classes, de raças, de gêneros e de credos. Afinal, como afirma o próprio Faulkner, “*The poet's voice need not merely be the record of man, it can be one of the props, the pillars to help him endure and prevail*” (1961, p. 223).

ROCHA, Luiz Carlos Moreira da. The Encounter of Literature and History in *Absalom, Absalom!* and *The Unvanquished* by William Faulkner. *Itinerários*, Araraquara, n. 23, p. 99-113, 2005.

■ **ABSTRACT:** *Coming from a context deeply affected by the Civil War - the Old South of the United States - William Faulkner has always used his country's history either as a background or as the main scenery of his works, mixing reality with fiction and consequently rewriting American history from a highly critical perspective. Thus, historical characters become an integral part of his fictional universe and are at times represented in a manner as close as possible to reality and at other times in a way completely transfigured by fiction. So, a discussion of the different ways of approaching the relationship between literature and history is presented, followed by a panorama of the North-American situation at the Antebellum, the Civil War and the Reconstruction periods.*

■ **KEYWORDS:** *Yoknapatawpha; war; Virginia; Coldfield; redneck; trash.*

Referências

- BRADBURY, M. **The Modern American novel**. New York: Penguin, 1992.
- BRASIL, F. A. **Joyce e Faulkner: o romance da vanguarda**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CONNOR, B.; McPHERSON, J. L. **The American Heritage New History of the Civil War**. New York: Viking Press, 1996.
- COWLEY, M. (Ed.). **Faulkner**. New York: Viking Press, 1954.
- FAULKNER, W. **Soldier's Pay**. New York: A Signet Book, 1961.
- FAULKNER, W. **The Unvanquished**. New York: Vintage Books, 1966.
- FAULKNER, W. **Absalom, Absalom!** New York: Vintage Books, 1986.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JEHLEN, M. The literature of colonization. In: BERCOVITCH, S. (Ed.) **Cambridge History of American Literature**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1994. v.1.
- McCLINTOCK, A. The angel of progress: Pitfalls of the term Pos-Colonialism. In: WILLIAMS, P.; CHRISMAN, L. (Ed.). **Colonial Discourse and Post-Colonial theory**. New York: Columbia Univ. Press, 1994. p.291-305.
- PORTER, C. Absalom, Absalom!: (un)making the father. In: WEINSTEIN, P. (Ed.). **The Cambridge Companion to William Faulkner**. New York: Cambridge: CUP, 1995.p.168-96.
- WITTENBERG, J. B. William Faulkner: a feminist consideration. In: FLEISCHMANN, F. (Ed.). **American Novelists revisited: essays in feminist criticism**. Boston: Hall, 1982. p.325-38.

